

XCLUSIVE

www.feedfood.com.br

# feed & food

PORTA-VOZ DA AGROINDÚSTRIA DA CADEIA DE PROTEÍNA ANIMAL

Ciasulli  
EDITORES

ANO 10 - Nº 119 - MAR 17

**SUÍNOS  
HOMENAGENS  
MARCAM CELEBRAÇÃO  
DOS 50 ANOS  
DA APCS**



## DA NOSSA TERRA PARA O MUNDO

**EM ATLANTA (EUA), UNIÃO ENTRE ENTIDADES, ASSOCIAÇÕES E GOVERNO EXALTA VOCAÇÃO VERDE E AMARELA PARA ALIMENTAR O PLANETA E POSICIONA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO COMO UM TERRENO FÉRTIL A INVESTIMENTOS**

# ALERTA GERAL

ENTENDA COMO O **VÍRUS DA MANCHA BRANCA** CHEGOU À AUSTRÁLIA, SEUS IMPACTOS NA ECONOMIA PESQUEIRA E O QUE O BRASIL DEVE APRENDER COM ISSO

**ITAMAR ROCHA**

**R**egistros históricos indicam que o vírus da Mancha Branca (WSSV) já está presente no continente asiático por mais de duas décadas, afetando significativamente a produção de camarão cultivado desta região. O primeiro sinal de alerta, porém, só ocorreu em 1988, quando a enfermidade matou um número significativo de camarões, em Taiwan, até então, o maior produtor mundial de camarão marinho cultivado. Depois de ser atingido pela Mancha Branca, simplesmente desapareceu do mapa dos produtores de camarão marinho de cultivo.

Em seguida, a Tailândia enfrentou em 1992 uma perda devastadora na sua produção de camarão relacionada a um surto

de Mancha Branca e, no ano seguinte, a produção da China despencou de 207.000 toneladas (1992) para 88.000 toneladas (1993), resultando no primeiro declínio mundial na produção de camarão marinho, causando escassez de oferta de camarão no mercado internacional e preços recordes. Depois da epidemia ter causado pesado estrago na carcinicultura de Taiwan, Tailândia e China, a Mancha Branca atravessou fronteiras e cruzou oceanos para afetar fazendas de camarão em todo o mundo.

No início de 1999, o WSSV



chegou aos EUA, bem como à América Central, Equador, México e, em 2004, atingiu o Brasil. O modo de transmissão foram os resíduos de plantas de processamento contendo material viral infeccioso de camarão asiático congelado re-processado nas Américas. As vias de transmissão do vírus incluem aves, camarão de isca, camarão selvagem, embarques de camarão cru e congelado, comércio de reprodutores de camarão e pós-larvas, correntes marítimas e até mesmo a água de lastro de navios, ou seja, sempre por via do transbordo de camarões infectados, hospedeiros naturais do vírus.

Em realidade, o WSSV, por mais de duas décadas, vem afetando o crescimento da produção de camarão marinho cultivado em todo o mundo, causando perdas de duas dezenas de bilhões de dólares, haja vista que se espalhou para todos os principais países produtores de camarão, inclusive para aqueles que adotaram, via seus Serviços Veterinários Oficiais, rigorosas medidas de biossegurança na importação de camarão cru e cozido. Como foi o exemplo recente da Austrália, cujos restritivos critérios de Quarentena e Inspeção sobre os cuidados da "Australian Quarantine and Inspection Service's", não lograram êxito em barrar a entrada do vírus. Basta ver que em 22 de novembro de 2016, um produtor de camarão no rio Logan, ao sul de Brisbane na Austrália, relatou um evento de mortalidade que resultou em um pequeno número de camarões mortos, apresentando sintomas de alimentação reduzida e alguns camarões com comportamento incomum. Resultados positivos de reação em cadeia

da polimerase (PCR) para Mancha Branca por parte do Laboratório de Ciências de Biossegurança de Queensland foram registrados em 30 de novembro de 2016 e confirmados pelo Laboratório Australiano de Saúde Animal em 01/12/16.

Evidentemente que a origem real do surto permanece desconhecida. No primeiro momento, foram instituídas medidas oficiais para conter a doença na fazenda afetada com o objetivo de erradicar a doença naquela propriedade e evitar que as vizinhas e os crustáceos selvagens fossem infectados pelo WSSV. Porém, não foi o que aconteceu, pois fontes australianas informaram que desde então a doença já foi confirmada em quatro outras fazendas próximas, e, o mais preocupante de tudo, também em camarões selvagens retirados do rio Logan nas proximidades do surto.

Com isso, funcionários do serviço oficial de biossegurança estão trabalhando horas extras para descobrir como um vírus de camarão potencialmente devastador chegou a um rio e aos viveiros de cultivo de camarão marinho ao sul de Brisbane. Uma das possibilidades que as autoridades estão examinando é se o vírus pegou carona com camarão congelado cru importado de países onde a doença da Mancha Branca teve efeitos devastadores na produção de camarão de cultivo.

A Mancha Branca tem sido considerada uma ameaça significativa para a biossegurança da Austrália, e a importação de camarões crus é vista como uma porta de entrada para a enfermidade e outras doenças que afetam crustáceos. Um relatório de 2009 sobre os riscos apresentados por camarões importados alertou que, sem salvaguardas adequadas, havia uma alta probabilidade de que as doenças das quais são portadores poderiam infectar populações naturais de camarão australiano.

Em abril de 2010, a Austrália reforçou as regras de quarentena em uma tentativa de mitigar esse risco. As novas regras incluíam testes obrigatórios de amostras de remessas provenientes de regiões com Mancha Branca e outras doenças não existentes na Austrália. Foi igualmente imposta a proibição de importação de camarão cru para ser utilizado como isca. Mas houve alguns fracassos espetaculares, visto que em 3 de setembro de 2010, alguns meses depois que as novas regras entraram em vigor, o Grupo Oficial de Serviços de Biossegurança er- ▶

**“ OS PRODUTORES DE CAMARÃO DA AUSTRÁLIA DIZEM QUE O GOVERNO DEVERIA TER AGIDO HÁ ANOS PARA PARAR A IMPORTAÇÃO DE CAMARÕES CRUS QUE SUSPEITAM COMO O VETOR DO VÍRUS EXÓTICO PARA O PAÍS ”**

## DISTRIBUIDORA OFICIAL DOS PRODUTOS BIORIGIN NO ESTADO DE SÃO PAULO

atitudecomunicacao.com.br



## SOLUÇÕES DERIVADAS DE LEVEDURA PARA SAÚDE E NUTRIÇÃO ANIMAL

CONFIANÇA, QUALIDADE E RESULTADOS COMPROVADOS!

**Biorigin**

Arte em Ingredientes Naturais

www.biorigin.net

ronemente liberou um lote de 20 toneladas de camarão cru importado da Malásia. Este lote foi liberado apesar dos testes das amostras terem sido positivos para Mancha Branca, algo que só foi descoberto cerca de três semanas depois.

A ameaça apresentada por camarões importados sendo usados como isca tem sido uma preocupação para os carcinicultores australianos. O relatório de 2009 diz que camarões de cultivo e outros crustáceos tem uma baixa probabilidade de serem expostos a camarões importados, mas também afirma que alimentando camarões adultos, em tanques de maturação com camarões não cozidos importados, é um caminho “potencialmente significativo” para a introdução da Mancha Branca. Como também é, embora em menor grau, o uso de camarões importados como isca para pesca recreativa, particularmente em canais de captação de fazendas de camarão.

Os produtores de camarão australianos estão acompanhando nervosamente as ações das autoridades do país em relação ao surto. O relatório de risco de 2009 torna claro que há muito em jogo, advertindo que uma vez estabelecida em populações de crustáceos selvagens, “a erradicação da Mancha Branca é improvável”. E se o vírus se fixar na Austrália, os produtores

de camarão podem esperar perdas gravíssimas de produção, causando impactos significativos nas áreas de cultivo e da pesca extrativa de camarão marinho, em vários estados e territórios.

Em 06/01/17, a Australian Associated Press (AAP) noticiou que autoridades do país estavam considerando um processo criminal contra um importador de camarão suspeito de deliberadamente desrespeitar os controles de biossegurança. Também nesta data, o ministro da Agricultura

australiano, Barnaby Joyce, anunciou a suspensão por tempo indeterminado de importações de camarão cru congelado, depois que a doença foi detectada em camarões vendidos para consumo humano. O ministro afirmou que acusações criminais estão sendo consideradas contra um importador de camarão, enquanto outros quatro importadores estão sendo investigados. De acordo com os regulamentos de quarentena da Austrália, uma amostra de todas as remessas de camarões crus importados deveria ter sido enviada para testes para garantir que os camarões estavam livres da Mancha Branca. Mas, pelo menos um importador está na mira das autoridades de quarentena uma vez que aparentemente estava deliberadamente selecionando apenas camarões saudáveis de remessas conhecidas por estarem infectadas com mancha branca para serem testadas.

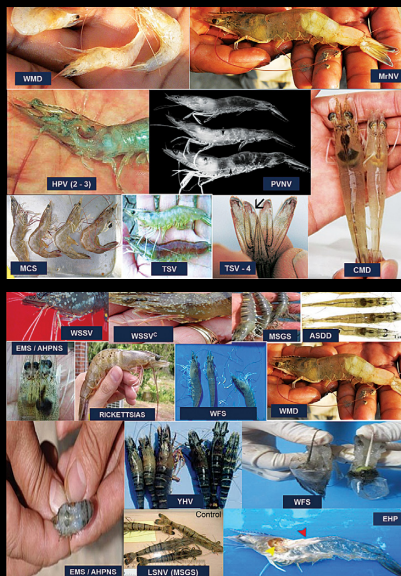
Os produtores de camarão do país dizem que o governo deveria ter agido há anos para parar a importação de camarões crus que suspeitam como o vetor do vírus exótico para a Austrália. “Estamos lutando para isso por muitos, muitos anos”. A presidente da Associação Australiana de Produtores de Camarão (Australian Prawn Farmers Association), Helen Jenkins, questionou fortemente o fato do governo australiano permitir importar um produto que é susceptível de paralisar a indústria de carcinicultura de país. Segundo ela, o impacto do surto da Mancha Branca já é devastador, com os produtores de camarão afetados já perdendo os frutos de uma vida inteira dos seus trabalhos.

De forma que, com as imensuráveis potencialidades que o Brasil detém para a exploração da carcinicultura marinha, desde o litoral aos recôncavos interiores mais longínquos, incluindo os vastos recursos hídricos tanto marinhos, como estuarinos e mesohalinos, amplamente abundantes em praticamente todas suas macro regiões, uma eventual liberação das importações de crustáceos pelo Brasil, de áreas sabidamente contaminadas, seria um crime de lesa à pátria, com consequências econômicas e sociais gravíssimas, inclusive, porque pode afetar a exploração extrativa de caranguejos, camarões e lagostas. ■

## UMA EVENTUAL LIBERAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DE CRUSTÁCEOS PELO BRASIL, DE ÁREAS SABIDAMENTE CONTAMINADAS, SERIA UM CRIME DE LESA À PÁTRIA, COM CONSEQUÊNCIAS ECONÔMICAS E SOCIAIS GRAVÍSSIMAS

### TODO CUIDADO É POUCO

O vírus da mancha branca (WSSV), recentemente confirmado na Austrália, pegou carona nos camarões importados, o que deve servir de alerta para que o Brasil, que nunca importou camarão, não ceda às pressões de grupos corporativos sem o mínimo compromisso com o bem estar da sua sócio economia pesqueira, pela abertura das importações de crustáceos, com o risco real de introdução de dezenas de doenças virais (Figuras 01 e 02) que afetam os camarões marinhos cultivados mundialmente, com consequências desastrosas para as populações naturais de caranguejos, camarões e lagostas, afora a carcinicultura marinha, cujos vastos recursos naturais que o País detém, se eficientemente explorados, colocariam o Brasil na liderança mundial da produção de camarão marinho cultivado.



**ITAMAR ROCHA,**  
Engº de Pesca; CREA 7226-D,  
Presidente da ABCC, Diretor do DEAGRO /  
Conselheiro do COSAG (FIESP)  
ipr1150@gmail.com